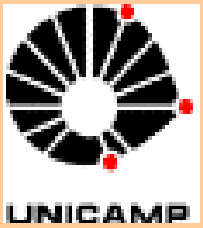
Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Coordenação de Pós-Graduação

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização



2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IEDA MARIA CEZARONI

RELICÁRIO DE BARRO

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IEDA MARIA CEZARONI

RELICÁRIO DE BARRO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização para obtenção do grau de Especialista em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a orientação da Profª. Drª. Eliana Ayoub.

CAMPINAS
2008

© by Ieda Maria Cezaroni, 2008.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

C339r

Cezaroni, Ieda Maria
Relicário de Barro / Ieda Maria Cezaroni. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Eliana Ayoub.
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Formação de professores. 2. Educação física escolar. 3. Corpo. 4. Linguagem. 5. Memorial de formação I. Ayoub, Eliana. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-454-BFE

Dedico este trabalho
a todos que com coragem
rompem ilusões
sem perder a capacidade
de sonhar e realizar.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos aos alunos do PROESF, que tanto me ensinaram na relação professora e alunos, pois sendo professores e adultos fizeram-me alçar mais um vôo profissional: o desafio de aprender a ensinar e ensinar adultos em um curso de graduação.

A todos os professores da UNICAMP que partilharam conosco momentos únicos no PROESF, alimentando-nos com seus conhecimentos e incentivando-nos de forma dedicada e amorosa.

Ao professor Sérgio Ântonio da Silva Leite e à professora Eliana Ayoub, dois exemplos de mestres dedicados, generosos, competentes e iluminados que, ao orientarem meu trabalho no PROESF, presentearam-me com a felicidade da amizade.

Aos colegas de trabalho, assistentes pedagógicos e companheiros de jornada no PROESF, em especial às parceiras Cristina, Ivanda, Marilda, Marilise, Michele e Paula. E pela presença, interlocução e amizade de Heloísa, Roselene e Simone.

Ao Ruy que, em face de minhas ausências, transformou em alegria cada presença.

Dentro de nós há uma coisa que não tem nome

Essa coisa é o que somos.

(Saramago – Ensaio Sobre a Cegueira)

SUMÁRIO

Dedicatória..... *iv*
Agradecimentos..... *v*
Epígrafe..... *vi*

1 APRESENTAÇÃO..... 1

2 RELICÁRIO DE BARRO..... 3

3 OS DIAS NÃO SABEM..... 6

4 O QUE OS ANOS REVELAM..... 13

5 O CORPO COMO LINGUAGEM: COMEÇO DOS COMEÇOS..... 22

6 CHEGOU UM TEMPO: TEMPO DE POSSIBILIDADES..... 26

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA..... 33

APRESENTAÇÃO

Receita de Acordar Palavras

palavras são como estrelas
facas ou flores
elas têm raízes pétalas espinhos
são lisas ásperas leves ou densas
para acordá-las basta um sopro
em sua alma
e como pássaros
vão encontrar seu caminho.
(Roseana Murray)[1]

Inicio a escrita de um memorial, o que é o fim de uma jornada, com possibilidade de um - conte outra vez – a história de um tempo, sabendo que esse momento engendra um novo começo, um outro "era uma vez"...

Minha narrativa, em meu memorial de formação será o revelar de imagens, sentimentos, remembranças que me povoam com a quais quero desvelar, conversar com, explicar o que sou hoje por causa dos caminhos que escolhi, que percorri e que busquei trilhar em cada momento histórico por mim vivido.

Mas conto minha história fazendo um recorte, fazendo escolhas que explicarão o todo narrado, minha opção pelo trabalho com as metodologias de língua portuguesa e de educação física como assistente pedagógica no Programa de Pós-Graduação em Educação, no Curso de Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores: Teoria Pedagogia e Produção do Conhecimento – PROESF, na Faculdade Educação da UNICAMP.

Minhas escolhas como assistente pedagógica, no curso de Pedagogia do PROESF, comporão e revelarão minhas experiências a partir destas escolhas e o que elas, por fim, presentearam-me compondo o que chamo de meu imensurável vitral, já que os dias não sabem o que os anos revelam. E foram seis anos em que parte por parte deste mosaico, por onde olho hoje, foi sendo construído e pensado.

Quero ainda, concluir este meu precioso vitral escolhendo a disciplina de Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento em Educação Física como fonte principal de minhas

[1] MURRAY, R. **Receitas de Olhar**. São Paulo: FTD, 1997, p.10.

reflexões finais, e explicar o porquê, ao final de meu curso de especialização, sinto necessidade de focar essas reflexões sobre a questão do corpo na atualidade e do corpo como linguagem, já que este tema está ligado, de certa forma, ao início de meu primeiro movimento como educadora: o teatro popular, mais precisamente minha experiência com o teatro do oprimido e com o teatro de rua.

Desta forma, a possibilidade de narrar o que lembro, perdoe-me, eu me perdôo meus esquecimentos, pois confesso que selecionei o que me convinha quando lembranças vinham e outras tantas histórias simplesmente me fugiram, revigora-me como professora, como educadora, pois provoca ebulição na paixão que insiste em arder: a de educar.

Porém, não tenho a memória perfeita de Irineu Funes, personagem de "Funes, o memorioso", um dos contos da obra "Ficções" (2007) de Jorge Luis Borges e que chegou às minhas mãos bem nesse momento de escrita de meu memorial, senão estaria escrevendo agora sobre tudo que se passou comigo desde aquele dia 02 de abril de 1964, quando nasci, um dia sem igual sobre o qual poderia falar da temperatura, das nuvens no céu e etc. Então, ao contrário desta personagem, alguém que é quase mente pura e que não conseguia pensar, quero narrar minha história explicando-a, relacionando-a, mas principalmente sentindo-a...

...Deito meu olhar no tempo...

RELICÁRIO DE BARRO

Receitas de viajar no tempo

andar para trás para trás para trás
dar a mão para a mãe para a avó-bisavó
feche os olhos abra os olhos feche e abra
a porta da roda da morte e da vida
essa é a dança ciranda do tempo
entre na água, no meio do vento
e semeie futuro em terra azul
(Roseana Murray)[2]

Deito meu olhar no tempo, escorrem por meus dedos e molham meus pés águas barrentas. Venho de um lugar com nome de rio, um rio com nome tupi-guarani. O historiador Ricardo Artigiani (1994), em sua obra Mogi Guaçu, três séculos de história, destaca essas duas importantes riquezas do lugar: a cultura dos índios Caiapós e suas cerâmicas feitas com o barro taguá, abundante neste lugar, às margens do Mogi Guaçu, o "grande rio das cobras". Fala, também, de como elas foram sendo incorporadas pela cultura dos mineradores de ouro, que por volta de 1650 e 1655 se instalaram às margens do rio Mogi Guaçu, no lugar ainda conhecido por Cachoeira de Cima, onde depois floresceu a freguesia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição do Campo e a cidade que emprestou o nome do rio, um dia conhecida como a "Capital Cerâmica".

Na mesma obra, Artigiani (1994) relata que no final do século XVIII e início do XIX, já existiam algumas humildes olarias na cidade de Mogi Guaçu, como as das famílias Xavier, Franco e Lambert, mas em 1888 chega à cidade o pároco italiano, da região do Vêneto, Giuseppe Armani, engenheiro e empreendedor que idealizou a grande Olaria Armani, às margens do rio Mogi Guaçu, e a partir dela outras cerâmicas e olarias viriam gerando riqueza e desenvolvimento para a região.

A história deste lugar é a história de sua gente vivendo em um solo argiloso, da sabedoria dos Caiapós, da força e coragem dos desbravadores e da engenhosidade dos italianos da região do Vêneto que moldaram a primeira capital da cerâmica no país.

[2]MURRAY, R. **Receitas de Olhar**. São Paulo: FTD, 1997, p.8.

Várias gerações trabalharam, viveram, e vivem, ainda, das cerâmicas e olarias do Guaçu, como carinhosamente é conhecida a cidade. Uma cidade eminentemente operária, com marcas históricas das cerâmicas, das lutas e sonhos dos operários ceramistas. Um lugar que, a partir dos anos de 1940, com a forte industrialização nacional brasileira, fixou sua economia na indústria e ampliou fronteiras.

Uma imagem, do tempo de criança, que povoa minhas memórias é a de um exército de bicicletas que disparava para todos os cantos da cidade com o apito das fábricas, pois como a maioria das cerâmicas estava concentrada na região central da cidade, próxima ao rio Mogi Guaçu, havia uma confluência na rota dos trabalhadores a caminho do trabalho. As mulheres iam a pé e os homens com suas bicicletas modelos Goricke e Monark, como se todos tivessem um encontro marcado na Praça dos Expedicionários e de lá se espalhavam novamente, rumando para suas casas. Era um momento alegre, vivo, de muita conversa e bastante correria.

Gilberto Cezaroni (2000), recolhendo relatos do cotidiano dos trabalhadores das cerâmicas de Mogi Guaçu, revela que a vida desses trabalhadores não era nada fácil. As mulheres eram controladas rigidamente: nada de dias ruins, nada de se ausentar mais de cinco minutos das máquinas e das esteiras de produção e carregavam de dez a quinze quilos nas caixas de pisos que transportavam das esteiras. Os homens não tinham mais facilidades, o serviço era muito pesado e sofriam com a sílica usada no preparo dos ladrilhos que impregnava seus pulmões, adoecendo-os. Mas a doença vinha devagar e depois de muitos e muitos anos, com a proximidade da aposentadoria, os trabalhadores percebiam seu destino.

O mais triste, no entanto, era o cotidiano de mutilações nas mãos e dedos desses trabalhadores, pois as prensas dos pisos eram todas tocadas manualmente. Enquanto um homem descia a prensa uma mulher, ou outro homem, puxava os pisos debaixo delas. Muitas vezes essas prensas caiam sobre essas mãos que iam engrossar o número de mutilados na cidade.

Preciso contar essa pequena história, pois ela é parte da minha. Busco, ao narrá-la, rememorar, desnovelar os fios que constituíram e constituem minha identidade, que explicam minha própria vida e prática profissional. Meu pai era um desses trabalhadores ceramistas, embora trabalhasse na mecânica das máquinas ele sofria com esses episódios de desrespeito aos trabalhadores. Neste contexto ele e alguns colegas de trabalho ligados ao movimento jovem

católico dos anos 60, o chamado A E I O U[3] da Igreja Católica, organizaram-se no ano de 1963, discutindo uma manifestação com caráter de denúncia. Pensaram em tudo e o momento mais propício, sem dúvida, era o horário do almoço onde todos os trabalhadores passariam pela Praça dos Expedicionários.

E assim foi que, às onze horas de uma manhã de março de 1963, o turbilhão de bicicletas e pessoas parou. Encontraram colegas com cartazes e discursos inflamados. A adesão ao movimento foi forte, um trabalhador recentemente mutilado discursou, outros fizeram o mesmo e aquela praça foi palco de uma manifestação nunca vista antes na cidade.

Era um momento nada fácil, véspera de 1964, o cenário brasileiro tenso, com ânimos exaltados com a ditadura. Então veio a polícia, trabalhadores foram presos, fichados, alguns foram levados para o DOPS em Campinas, e considerados subversivos. Meu pai manteve-se e continua ainda na luta do operariado e no movimento sindical da cidade, que já estava organizado desde maio de 1959.

E neste contexto, em dois de abril de 1964, período do golpe militar, nasci.

[3] Os grupos, na Igreja Católica, conhecidos como A E I O U eram compostos pela JAC – Juventude Agrária Católica, JEC – Juventude Estudantil Católica, JIC – Juventude Independente Católica, JOC – Juventude Operária Católica e JUC – Juventude Universitária Católica.

OS DIAS NÃO SABEM

Receitas de se olhar no espelho

se olhe de frente
de lado
de costas
de cabeça para baixo
pinte o espelho
de azul dourado vermelho
faça caretas ria sorria
feche os olhos abra os olhos
e se veja sempre surpresa

quem é você?
(Roseana Murray)[4]

Sou a primeira de uma família de cinco filhos. Meu pai, um ativista, sindicalista e metalúrgico, fez seus estudos complementares do ensino fundamental e técnico no nível médio trabalhando, embora estude até hoje e com 72 anos diz que quer estudar ciências sociais e está se preparando para o vestibular. Minha mãe veio do noroeste paulista, apreciadora de cinema passou anos indo diariamente às sessões do cinema de sua cidade, mesmo nas sessões repetidas. Cantava no coro de sua igreja e passei minha infância ouvindo-a cantar ao realizar os serviços domésticos. Nessas minhas remembranças, vem o som da máquina de costura e a imagem das gavetas da cômoda e do maleiro cheio peças de tecidos que ela pegava e transformava, em um único dia, em novas roupas para todos os filhos. Era uma festa!

Cresci em um ambiente muito movimentado, muita gente, família grande, muitas reuniões em casa, minha mãe gostava de cozinhar e receber amigos e familiares, meu pai realizava inúmeras reuniões políticas, faltava espaço para um cantinho só meu, então me escondia em lugares bem inusitados para ler e brincar. Meus avós maternos moravam longe e só nos víamos nas férias. Meu avô era comerciante e fazendeiro apaixonado por seus cafezais, um autodidata que se formou em contabilidade e minha avó uma exímia cozinheira de pães, doces caseiros, queijos e embutidos.

[4]MURRAY, R. **Receitas de Olhar**. São Paulo: FTD, 1997, p.12.

Meus avós paternos moravam ao lado de nossa casa, que ficava em uma enorme chácara da família, assim viviam muitas famílias italianas da época. Então fomos crescendo com eles nos ensinando sobre um universo que só visitávamos através deles. Minha avó paterna era analfabeta e só consegui ensinar-lhe a desenhar o nome, como ela dizia, mas nos encantava com seu italiano, um dialeto da região do Vêneto, que sempre usava durante os almoços com a família. Contava histórias longas e bonitas e as de terror eram as mais apreciadas. Meu avô paterno era hábil artesão, herança de seu pai que fazia santos de vidro colorido e ferro fundido na Itália. Ele fazia belos cestos e balaios de bambu, matéria prima abundante em nossa chácara. Além disso, era homem da terra e tenho uma doce lembrança das enormes hortas que ele produzia e dos imensos novelos de borboletas amarelas, brancas e azuis que se formavam na horta depois que ele a irrigava.

Tenho comigo essas muitas vozes, essas muitas histórias cruzadas e encontro-as todas em mim, imagens de minha própria história que agora procuro contar, procuro pensar. E penso com Paulo Freire, que:

> O homem, por ser homem, é igualmente capaz de reconhecer que não vive num eterno presente, mas num tempo feito de ontem, de hoje, de amanhã. Esta tomada de consciência da sua temporalidade (que lhe vem da sua capacidade de discernir) permite-lhe tomar consciência de sua historicidade (...) (FREIRE, 1971, p. 43).

Outra imagem forte em minha história é a da única tia do lado paterno, ela sempre comigo, aliás, muito presente na vida de todos os sobrinhos. Foi ela que me mostrou o teatro e o movimento estudantil. Em sua companhia adormecia nos palcos durante os ensaios de sua trupe. Dormia ouvindo textos de Bertolt Brecht[5], alguns outros textos que eles mesmos criavam e embalada por longas conversas sobre o cenário político brasileiro dos primeiros anos da década de 1970.

Eu crescia tímida, arredia, por vezes faladeira, mas só nas aulas e nas conversas com os adultos, com os quais aprendi a conviver desde muito cedo. Tinha poucos amigos de minha idade, a maioria era bem mais velha que eu. Aprendi a ler aos cinco anos, passava horas a fio lendo gibis da Turma da Mônica e da Walt Disney, revistas como O Cruzeiro, Amiga, Grande Holtel, Seleções Reader's Digest, fotonovelas italianas e qualquer livro ou jornal que me chegasse às mãos. Não havia facilidade para aquisição de livros de literatura infantil nos idos de

[5] Bertolt Brecht, influente dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX

1969 e 1970, não na região onde eu morava, então tudo que encontrava devorava. Adorava ler enciclopédias, numerosas nessa época, e não me escapava uma leiturinha proibida, que conseguia no quarto de um tio solteiro que morava com meus avós paternos.

Mas veio a escola, no Centro Educacional SESI 176, e lá redescobri o teatro. Todo mês encenava uma pequena apresentação teatral. Lá, eu e outros colegas, declamávamos para todos os alunos, do alto da escadaria da fachada do colégio, nas festas e datas comemorativas. Foi nessa escola que aprendi a tocar triângulo com minha professora da pré-escola e entrei para a bandinha do SESI. Confesso que a percussão é minha paixão até os dias de hoje. Vivi cinco anos em uma escola com forte influência do movimento da escola nova, mas que também trazia, nas atividades dadas por nossas professoras em sala de aula, traços do behaviorismo e do tecnicismo.

Terminei no SESI a quarta série e era chegado o momento da quinta série do ensino fundamental, com isso chegava uma mudança de escola. Passei a estudar na E.E.P.S.G. Luiz Martini[6] com alguns colegas do SESI e ficamos todos na mesma turma. Isso foi muito importante, ajudou-nos a enfrentar tantas mudanças: escola grande, muitas salas de aula, muitos professores e professoras, muitas disciplinas, aulas de educação física duas vezes na semana em horário oposto às outras aulas e com turmas de mulheres e homens separadas, não havia o teatro, não havia as declamações, havia a fanfarra, mas nela não havia o triângulo.

Foi nessa escola, no ano de 1975 que eu descobri uma de minhas professoras mais queridas e que mais me influenciou na forma como hoje me relaciono com meus alunos. Dona Leila, nossa professora de educação física. Ela era fantástica em sua forma de tratar todas as alunas com respeito e muita atenção, no modo como incluía todas, sempre, em todos os momentos de suas aulas, na forma de se preocupar com cada uma de nós e por gostar de conversar conosco como amiga. Com ela tinha prazer em ir às aulas, não só por sua postura profissional, mas por nos apresentar os caminhos da ginástica artística e da ginástica rítmica. Então descobri um outro prazer - as apresentações com as mais belas evoluções corporais, com fitas e outros materiais. Também nos apresentávamos em campos de futebol, quadras de escolas e em todo lugar em que éramos chamadas.

Assim, a educação física entrou forte em minha vida, porém nos anos que se seguiram, na sétima e oitava séries, houve mudança de professora para esta disciplina e a partir daí só

[6] E.E.P.S.G. Luiz Martini, Escola estadual de primeiro e segundo grau da cidade de Mogi Guaçu

praticávamos vôlei para os campeonatos entre escolas, uma grande desmotivação tomou conta de mim, pois a competição era a tônica de todas as aulas e do processo de ensino-aprendizagem.

Falar de outros professores, deste mesmo período, é resgatar marcas maravilhosas que deixaram. Um desses professores era a Dona Inezila de Educação Artística, apaixonada por música e que nos incentivava e ensinava a cantar e a ouvir composições como "Aquarela do Brasil" (1939) e "Isto Aqui É o Que É" (1942) de Ari Barroso; "Fita Amarela" (1932) e "Último Desejo" (1937) de Noel Rosa. Todo repertório musical estava contido no Jornal EMA, uma iniciativa de educadores de arte das cidades paulistas de Mogi Guaçu, Mogi Mirim e de São João da Boa Vista. Outro professor, muito querido, era Olavo de desenho geométrico, que na verdade nos ensinou muito mais que o desenho, ele era um ser extremamente criativo, alegre e contagiante e essa maravilhosa força criativa ele nos transmitia produzindo todos os cenários e as roupas especiais para os desfiles de sete de setembro e de aniversário da cidade, além de outros eventos em que participávamos. Para ele o processo criativo era expressão de pura alegria. Uma terceira professora, extremamente importante, e que reencontrei em meu curso universitário, foi Dona Neusa Savoy, professora de ciências, sempre séria, sorrisos comedidos, sem muitas palavras, mas suas aulas em classe e no laboratório da escola me despertaram a paixão, que tenho até hoje e que contamina meus alunos, pelas ciências biológicas, pela investigação científica e assuntos relacionados. Ela nos aguçava a curiosidade a cada encontro, era uma dessas professoras fascinantes e com um conhecimento amplo que nos contagiava.

Minha passagem para a E. E. Luiz Martini interrompeu o teatro na escola, mas não na vida. Continuei nele em um curso oferecido pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Mogi Guaçu. Tínhamos aulas de canto, voz, iluminação, sonoplastia, cenário e interpretação com professores da cidade de Campinas. Isso me fez conhecer e ler autores como George Orwell "A Revolução dos Bichos", João Cabral de Melo Neto de "Morte e Vida Severina" e Maria Clara Machado de "Pluft, o Fantasminha". Com esse grupo participamos e ganhamos o Festival de Teatro Amador de Campinas - FECANTA, com a peça "Morte e Vida Severina", em 1982, o que nos levou para o Festival Estadual de Teatro Amador – FETAESP, em Franca, no mesmo ano.

Continuei meus estudos cursando o ensino fundamental no período diurno, estudando datilografia e outros cursos técnicos no período noturno, além disso, fazendo teatro nos finais de semana. Então veio o ensino médio, permaneci na mesma escola, porém passei a cursar o

colegial, como chamávamos, no período noturno e agora trabalhava durante o dia na mesma cerâmica em que meu pai trabalhava. As influências políticas de meu pai emergiram, eclodiam greves nas cerâmicas de Mogi Guaçu, o cenário dos anos 80 foi terrível para o operariado da cidade e eu já fazia parte desse operariado, pois trabalhava no departamento de compras da Cerâmica Martini, fazia parte da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA da empresa e agora, também sindicalizada, engrossava as fileiras dos grevistas.

Nesse momento, eu e outros jovens trabalhadores da cidade, idealizamos uma forma de discutir a realidade vivida, de compartilhar e pensar essa realidade. Montamos o TECA, um grupo de teatro experimental, cultural e amador, um grupo de teatro popular. Fazíamos teatro de rua com a intenção de levar esta forma de linguagem para os moradores das periferias da cidade, produzindo espetáculos que estabelecessem um compromisso de solidariedade com o espectador e sua realidade. Espelhávamos-nos no trabalho do grupo teatral União e Olho Vivo, criado pelo dramaturgo Cesar Vieira, pseudônimo do advogado Idibal Piveta, que até os dias de hoje é um de seus principais mentores. O grupo havia lançado, em 1978, a peça "Bumba Meu Queixada", um texto do grupo e que tinha a greve como tema, unindo elementos da cultura popular brasileira. A sintonia era grande, permanecemos acompanhando os trabalhos do grupo que fez uma apresentação em Mogi Guaçu, e como uma de suas atrizes era filha da cidade, mantivemos contato estreito por um longo tempo.

Outra influência forte em nosso trabalho era o Teatro do Oprimido[7], do teatrólogo Augusto Boal, que emprestou o nome para seu gênero de teatro da obra de Paulo Freire, "Pedagogia do Oprimido", de 1970, sem, contudo ter influência freireana na sua idealização. Trata-se de um teatro revolucionário, uma técnica oferecida a grupos de todas as partes que queriam dizer algo. Este tipo de teatro surgiu do Teatro Jornal[8], criado por Boal, em 1970, e que tinha como meta ensinar as pessoas a fazerem teatro para que elas mesmas divulgassem as idéias que queriam transmitir. Representávamos nas periferias levando temas relacionados aos problemas enfrentados pela comunidade local e discutindo as relações de trabalho e as greves nas fábricas e nas cerâmicas da cidade. Também discutíamos o trabalho no campo, pois eram muitos

[7] Teatro do Oprimido (TO) - Método estético, elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, que sistematiza exercícios, jogos e técnicas teatrais que objetivam a desmecanização física e intelectual de seus participantes, e a democratização do teatro.

[8] Teatro Jornal – Conjunto de nove técnicas para teatralizar notícias de jornal e para perceber o significado oculto de cada uma. Criada em 1971, no Teatro Arena de São Paulo, esta técnica foi muito usada na época da ditadura militar brasileira para revelar informações distorcidas pelos jornais da época, todos sob censura oficial.

os trabalhadores rurais que viviam da colheita do algodão e do tomate na região e muitas as crianças empregadas e exploradas como mão-de-obra barata. Mais do que ter coisas para dizer, ou dizer o que o outro deveria fazer, desejávamos aumentar o nível de consciência das pessoas.

Foi a partir desse núcleo que nos desenvolvemos e é bom falar que tínhamos até influência de quem éramos contra e não perdíamos oportunidade alguma de nos manifestarmos. Fazíamos apresentações em igrejas, salões paroquiais e espaços públicos onde podíamos discutir algumas peças de Plínio Marcos[9] e Brecht. Éramos engajados politicamente, ativistas político-culturais, tínhamos uma relação estreita com o PC do B[10], ainda na clandestinidade, mas nossa identidade política se materializou com o surgimento do PT[11] como partido político ao qual todo grupo se filiou e junto ao qual militamos com muita convicção durante os anos 80.

Fazíamos um tipo de manifestação artística pouco reconhecida no meio cultural local, muitos intelectuais da cidade não nos consideravam artistas e nem viam nosso trabalho como arte por causa do forte engajamento político nele manifesto. Sobre isso Eric Bentley (1969) ensina-nos que as manifestações artísticas engajadas rompem com o padrão estético de seu tempo, e constituem-se como meio de interferência política e cultural e estabelecem um diálogo com as questões sociais de uma determinada sociedade, apresentando uma postura política definida, autêntica e questionadora. E ainda salienta que o engajamento político não se define apenas em reconhecer se o artista tem um ponto de vista político formado, mas perceber se o ponto de vista político do artista compõe sua produção artística. Nossa arte era essa força incontida costurada no trabalho coletivo, na autocrítica permanente de nossa produção, de nossas concepções, era um fazer e teorizar constantes e tínhamos, no processo, um momento de diálogo direto entre o autor e seu público, pois também criávamos nossos textos e isso nos fascinava.

Compreendíamos a palavra como uma arma poderosa e que através dela o povo poderia conquistar sua liberdade, além disso, queríamos resgatar a cultura popular marginalizada e desprestigiada em nossa sociedade, esta era a lenha que mantinha acesa a chama de nossos sonhos.

Foram anos intensos de descobertas como para muitos de minha geração. Vivemos nossa juventude após fim da ditadura militar e ao final dos anos 70 e ainda nos anos 80, essa era a

[9] Plínio Marcos - teatrólogo e escritor brasileiro conhecido como escritor "maldito".
[10] PC do B – Partido Comunista do Brasil, criado em 1962.
[11] PT - Partido do Trabalhadores oficialmente reconhecido em 1982.

realidade dos jovens: engajamento político manifesto nos grupos de jovens dos movimentos sociais e/ou religiosos; estávamos cheios de vida e de esperança. O símbolo do PT era a estrela, o sonho, a esperança como tônica. Vínhamos de uma história de pouca liberdade, democracia esmagada, quase não respirávamos, por isso lutar e se organizar era vital. Fazia sentido "militar", ser militante era uma palavra forte na época. Esquecíamos tudo, família, objetivos pessoais, questões do dia-a-dia, queríamos ser construtores do novo e do futuro, esta era nossa visão sobre nós mesmos, era como nos compreendíamos.

Um pouco depois, nossa geração, e a de outros mais jovens que nós, participariam, como ativista nas "Diretas Já"[12] e posteriormente no "Impeachment de Collor"[13]. Nada de medo de estar nas ruas, de estar do lado da dignidade e da transformação econômico-social. Era tempo de construção. As universidades fervilhavam, a UNE[14] e UBES[15] marcavam presença no cenário político nacional, assim como as comunidades eclesiais de base, os movimentos de luta pela terra, os movimentos sociais, os movimentos sindicais, os movimentos populares em geral. Anunciava-se algo novo, as possibilidades eram muitas, valia doar parte de nosso tempo, do cotidiano, havia sonhos e utopias no ar.

[12] Diretas Já - Movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, ocorrido em 1984.
[13] Impeachment do Collor – Processo movido pelo congresso brasileiro, contra o presidente da república Fernando Collor de Mello, acusado de corrupção, no ano de 1992.
[14] UNE – União Nacional dos Estudantes.
[15] UBES – União Nacional dos Estudantes secundaristas.

O QUE OS ANOS REVELAM

Receita de arrumar gavetas

separe coisa por coisa
de um lado o pólen do passado
as raízes do que foi importante
os retratos os bilhetes
os horários e chegada
de todos os navios-pirata
os sinos que anunciam
que há um amigo na estrada

do outro lado um espaço vazio
para o que vai acontecer
as surpresas do destino
os desatinos do acaso
(Roseana Murray)[16]

Chegava o tempo da vida universitária, vivida no contexto social que mencionei no capítulo anterior, uma oportunidade de ampliação de meus horizontes. Essa seria uma outra jornada que começou sob a forte influência de Dona Neusa Savoy. Em 1981 fiz o vestibular para biologia, na UNICAMP em Campinas e também para matemática, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Mogi Mirim, do Instituto Maria Imaculada. Iniciei meus estudos na faculdade de Mogi Mirim, em fevereiro de1982, aguardando o próximo vestibular da UNICAMP, pois não fui aprovada na segunda fase para biologia.

Durante o primeiro ano do curso de matemática conheci o curso de Pedagogia, e tendo amigos neste curso fui convidada por eles a assistir algumas aulas de psicologia e de sociologia. Foi paixão à primeira vista. A professora de psicologia geral e psicologia da educação, Maria Tereza, carinhosamente conhecida como Tereca, uma educadora apaixonada pelo estudo do desenvolvimento infantil e a aquisição da língua escrita, encantou-me. Nas semanas seguintes não perderia nenhuma de suas aulas naquele semestre e nem as de sociologia geral do professor Hermas, pois ele apresentou-me novas idéias no campo da antropologia cultural, ajudando-me a tecer uma forma mais larga de ver a sociedade, a cultura e o ser humano. Ainda fascinada e sem poder respirar calmamente, pois absorvia tudo com voracidade, fui tragada pela surpresa, minha

[16]MURRAY, R. **Receitas de Olhar**. São Paulo: FTD, 1997, p.26.

querida professora Neusa Savoy também era professora de biologia educacional do curso de Pedagogia. Realmente os dias não sabem o que os anos nos revelam.

A UNICAMP ficou para outro momento, pois as revelações não pararam por aí, já que o grande legado que trago de minha graduação, o conhecimento que me deu a certeza de que estava no caminho certo, no caminho que buscava, foi o que aprendi nas disciplinas de filosofia e história da educação, nas quais estudei sobre o pensamento pedagógico de Paulo Freire. Nesta ocasião, li dois de seus livros: "Educação e mudança" (1979) e "Pedagogia do oprimido" (1970). Fui tomada por um sentimento, que flecha certeira me transpassou e me virou pelo avesso.

Minha história, meu vitral, agora tomava formas que eu antes não entendia. Tudo relacionado, os novos conhecimentos, como um grande legado, ampliando minha visão, funcionando como um periscópio que me permitia ver acima, além de meu universo imediato. Terminei o curso de pedagogia em 1985 e em abril de 1986 chegava a Campinas. Esta cidade se tornaria meu segundo berço e local de muitas, belas e importantes aprendizagens, local de um verdadeiro renascimento, portanto, concordo com Mario Osorio Marques (1996, p.35), quando afirma que: Se viver é renascer a cada dia, nos tempos e lugares de nossos dias se configuram as aprendizagens que nos fazem homens enraizados numa concretude vivida. E os lugares que nos fazem são igualmente lugares feitos por nós".

Cheguei assim à UNICAMP. Continuei meus estudos universitários agora como aluna especial, no Instituto de Linguagem – IEL, onde fazia francês e participava de algumas disciplinas ligadas à aquisição da língua escrita. Posteriormente passei para a Faculdade de Educação, ansiosa por me tornar aluna do professor Paulo Freire, o que resultou em poucos encontros, pois, entre 1988 e 1991, ele se tornaria secretário da educação do município de São Paulo, no governo petista de Luíza Erundina. Prossegui meus estudos, encontrei-me mais duas vezes com o professor Paulo Freire em congressos de educação e ainda uma terceira vez, informalmente, quando fiz um curso com sua segunda esposa, Ana Maria Araújo Freire.

Encontrar Paulo Freire era encontrar a essência de sua proposta. Ele era exatamente o que defendia. Tinha respeito por aquele que estava ensinando, valorizando o conhecimento que o aluno trazia consigo e também a relação entre o estudante e o professor. Sua obra, suas idéias foram importantes para quem queria pensar nosso país em bases democráticas que incluíssem as camadas mais populares.

No segundo semestre de 1986, iniciei meu trabalho na secretaria municipal de educação de Campinas, alfabetizando jovens e adultos, como professora da Fundação Educar, criada em 1985, com a Nova República e o fim do regime Militar, para substituir o Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral. Não me via em outro lugar ou fazendo outra coisa na educação. Então, lá estava eu trabalhando no salão paroquial da igreja católica Santo Antonio, localizada na avenida da Saudade, tendo alunos com idades entre 14 e 60 anos, na mesma sala, e com profissões diversas: domésticas, cozinheiras, pedreiros e ajudantes de pedreiro, artesãos, operários das indústrias.

Um sonho realizado e que me mostrou, concretamente, o imenso contingente de analfabetos desse país. Revelou-me o que os anos de ditadura e a visão de alfabetização, como exercício de aprender a "desenhar" o nome, significaram para o nosso povo. Minha avó já havia compreendido a mensagem, ela só queria desenhar o nome, o que para o IBGE já seria mais um na estatística de brasileiros alfabetizados e com direito ao voto. O Mobral também conclamava o povo para fazer sua parte com a campanha "Você também é responsável, então me ensine a escrever, eu tenho a minha mão domável, eu sinto a sede do saber", o que no contexto não podia ser pior para desvalorizar o trabalho do educador e restringir o uso da leitura e da escrita. Recursos econômicos não faltavam ao Mobral, porém recrutava alfabetizadores sem muitas exigências, pois qualquer um que soubesse ler e escrever podia ser alfabetizador. Foram anos em que as denúncias de corrupção, desvios de verbas e manipulação de índices de analfabetismo predominaram no cenário da educação de jovens e adultos em nosso país.

Lamento, junto com tantos outros educadores brasileiros, que a educação no Brasil ainda deixe muito a desejar com relação aos ideais de Paulo Freire. Um destes educadores é Leôncio Soares (2001) que nos alerta que chegamos ao século XXI, com um índice elevado de brasileiros que ainda não dominam a leitura e a escrita. Temos quase 20 milhões de analfabetos considerados absolutos, mais de 30 milhões de outros considerados analfabetos funcionais, que mesmo tendo freqüentado uma escola não fazem uso da leitura e da escrita e retornam à posição anterior. Precisamos ainda considerar os 70 milhões de brasileiros e de brasileiras acima de 15 anos que não concluíram o ensino fundamental, nível mínimo constitucional. E os neoanalfabetos que mesmo freqüentando a escola não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita e com certeza vão engrossar as fileiras da educação de jovens e adultos.

E assim, mesmo diante de tantos problemas, vinha tentando ser professora, ser profissional, constituindo-me historicamente, imersa no movimento de meu tempo. As idéias de Freire sobre respeitar o aluno, sobre ter uma linguagem diferente para cada um deles, ecoavam insistentemente em meu trabalho e de novo vi no teatro uma possibilidade real de não ficar falando aos outros, mas de falar com eles. Foi então que descobri o potencial do teatro de bonecos e passei a fazer parte de um grupo de teatro de rua que usava fantoches, bonecos com varas e mamulengos para conversar com as pessoas, além de técnicas circenses para atrair o público para os espetáculos. Usava esses recursos com os jovens da rede estadual de ensino e participei com eles de festivais estudantis de teatro, com peças que criávamos e outras de autores como Sylvia Orthof, em a "A folia dos três bois" e a peça infantil "Avoar" de Vladimir Capella. Não me atinha a impossibilidades, criava meu caminho, reafirmava-me. Uma rebeldia que sempre me provocou como gente.

Continuei na educação de jovens e adultos, mas na gestão do professor e cientista político Enildo Galvão Carneiro Pessoa, como secretário de educação de Campinas, no período de 1983 a 1988, criou-se a Fundação Municipal para Educação Comunitária – FUMEC, agora uma fundação privada, parte integrante de um órgão público, para atender aos pré-escolares e realizar a alfabetização de adultos. Logo depois, em maio de 1990, o então presidente da república Fernando Collor de Mello, extinguiria a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar, deixando o país sem articulação governamental para esse setor.

Em Campinas, nossos salários e condições de trabalho não eram nada satisfatórios. Não tínhamos muitos direitos trabalhistas assegurados. Éramos contratados em regime de CLT[17] e a função descrita na carteira de trabalho era de agente de educação, uma clara tentativa de burlar a real atividade por nós praticada e assim não garantir o pagamento do piso salarial para a categoria de professores, resquício da desvalorização já praticada desde os tempos do MOBRAL. Por outro lado, nossa situação trabalhista não era bem definida; pertencíamos a uma fundação privada criada dentro de um órgão público, isso nos deixava à margem das negociações salariais e de condições de trabalho dos servidores públicos e por outro lado não tínhamos nenhuma representatividade reconhecida para essas negociações junto à Prefeitura de Campinas. Havíamos formado uma comissão de professoras, da qual eu fazia parte, visando a sensibilizar vereadores,

[17] CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

principalmente aqueles ligados à educação, e o secretário de educação para nossa situação funcional. Os caminhos eram de pedras, mas Paulo Freire já tinha nos ensinado:

> Se há algo que os educadores brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando à sua pessoa, a seu direito de ser. (FREIRE, 1996, p.74).

Com a Constituição de 1988 assegurando aos servidores públicos estatutários, o direito de organização sindical, houve um movimento destes para a composição de um sindicato. Os trabalhadores da FUMEC participaram ativamente. Foi quando conhecemos alguns diretores do Sindicato dos Professores de Campinas e Região – SINPRO e passamos a entender que nossa organização sindical poderia ser através deste sindicato, pois a fundação, na prática, uma empresa privada. Os debates para a organização sindical dos servidores estatutários estavam travados, pois a constituição de 1988 assegurou o direito à liberdade de organização sindical, sem, todavia determinar de modo direto e expresso como exercitar tal direito. Diante desse quadro, nossa categoria optou por fazer parte do SINPRO e nas próximas eleições para diretoria desse sindicato montamos uma comissão de trabalho e eu saí candidata à diretoria executiva do sindicato, representando nossa categoria. Essa diretoria foi eleita e passei a atuar no departamento de educação e de cultura do SINPRO.

Foram anos promissores para a FUMEC, para seus trabalhadores e para seus alunos. Nossos salários e condições de trabalho melhoraram sensivelmente, passamos a ter mais formação em serviço, controlamos melhor o uso da verba destinada à educação de jovens e adultos recebida pelo município, amadurecemos em nossa eticidade. Politicamente a cidade também se modificava, o PT assumia a prefeitura de Campinas, e o professor Newton Antonio Paciulli Bryan, foi empossado secretário de educação do município de Campinas.

A presença do professor Newton Bryan a frente da secretaria municipal de educação de Campinas foi decisiva na implantação de importantes mudanças entre o período de 1989 a 1990. A partir disso, a FUMEC passou a ser uma fundação pública e mudamos nossa representação sindical, ocorreram os primeiros concursos para a fundação e foi quando passei a coordenar três

unidades educacionais de jovens e adultos localizadas nos bairros San Martin, São Marcos e Santa Mônica, região Norte de Campinas, além disso, o processo de formação de professores passou a ser remunerado e considerado como uma importante política da secretaria de educação.

No mesmo período em que coordenava o trabalho de professores com adultos passei a trabalhar como professora substituta nas áreas de metodologia, psicologia e história da educação em classes de magistério estaduais de Campinas e Valinhos. Essa experiência fortaleceu minha vontade de trabalhar com a formação de professores alfabetizadores e acrescentei aos meus afazeres organizar e desenvolver oficinas, na área de alfabetização de adultos, para os professores da FUMEC.

Em 1991, ingressei por concurso público, como professora de 1ª a 4ª série do ensino fundamental regular em uma das escolas municipais de Campinas, a E.M.E.F. "Carmelina de Castro Rinco", localizada no Jardim Cristina. Meu universo de alfabetizadora ampliou-se muito com a experiência de alfabetizar crianças, uma linguagem totalmente nova se descortinava para mim. No primeiro ano, assumi uma quarta série visando a me preparar, estudar mais sobre desenvolvimento infantil e sobre como se apropriam da leitura e da escrita, para então assumir o grande e novo desafio: alfabetizar crianças trabalhando no primeiro ano do ensino fundamental. Contei com o apoio e encorajamento da professora Rosangela de Assis, alfabetizadora experiente e professora do magistério no CEFAM[18] que havia ingressado nesta escola, juntamente comigo, e desejava realizar um trabalho com base construtivista.

As idéias de Emília Ferreiro que deslocavam o eixo da alfabetização do "como se ensina" para o "como se aprende" a ler e a escrever, a perspectiva construtivista, fervilhavam na educação. Eu havia lido o seu livro e de Ana Teberosky, "Psicogênese da Língua Escrita" (1985), e sabia que Ferreiro foi movida, em suas pesquisas, pela necessidade de buscar as causas do fracasso das crianças em aprender a ler e a escrever, principalmente das crianças das camadas populares. Minha identificação com as idéias de Ferreiro foi muito forte, por causa do ponto de partida de sua pesquisa. Passei a trabalhar na alfabetização orientada por suas visão sobre a aquisição da leitura e da escrita. Foram alguns anos intensos de aprendizado e anos em que trabalhei intensamente com a formação de professores defendendo o construtivismo. Nesse momento o período em que me afastei definitivamente da educação de jovens e adultos.

[18] CEFAM – Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, da Rede Pública Estadual.

Entre os anos de 1992 e 1993, eu a professora Rosangela de Assis elaboramos um projeto de trabalho, utilizando as idéias construtivistas, na E.M.E.F. "Carmelina de Castro Rinco" com o objetivo de auxiliar todas as crianças que acumulavam histórias de repetência e fracasso escolar. Nosso trabalho alcançou, efetivamente, baixou o número de repetências na escola nesses anos, sendo reconhecido e servindo como referência para outras experiências nas escolas do município.

No entanto, algo não me satisfazia profissionalmente e aquela rebeldia insistia em agitar os meus alicerces. Meus alunos não aprendiam como eu acreditava que devessem aprender no curso das aulas. Eram escritores maravilhosos, mas o tempo para a aprendizagem e o domínio da escrita convencional estendia-se muito além do que eu tinha como meta de trabalho. Além disso, sentia-me sempre forjando ou omitindo respostas às questões das crianças sobre a escrita e a leitura. Tentava refletir sobre meus procedimentos metodológicos, avaliar possíveis lacunas, e não encontrava uma resposta na teoria de base construtivista para estes meus questionamentos.

Passei a ler outros autores, como João Wanderley Geraldi com seu livro "O texto na sala de aula" (1997), embora o autor priorizasse o conteúdo na avaliação do texto produzido na escola, foi nesta leitura que tive o primeiro contado com idéias ligadas ao interacionismo lingüístico. Entrei em contato com as idéias de Luiz Carlos Cagliari (1989), a respeito da alfabetização, as de Ingedore Villaça Koch (1989, 1993), sobre coesão e coerência textual. Procurava respostas enquanto alfabetizava e realizava oficinas e grupos de formação para professores através da secretaria municipal de educação e para outras redes de ensino.

Em 1995, inscrevi-me para um concurso de orientador pedagógico no município de Campinas, mas com o cancelamento deste os inscritos foram chamados para atuarem em caráter de substituição. Resultou daí que passei a trabalhar na educação infantil. Esse desafio me fez desconstruir muitos conceitos e repensar outros com relação ao lúdico e seu papel no desenvolvimento infantil e na escola. Tinha que orientar professoras e monitoras que trabalhavam com crianças de zero a três anos, algo totalmente novo para professores. Esse desafio demandou outras leituras. Li os textos de Lev Semenovich Vigotski, reunidos no livro "A função social da mente" (1984) e "Pensamento e linguagem" (1989).

Revi conceitos sobre desenvolvimento infantil e passei a compreender a natureza da língua escrita de forma mais ampla e a conceber a linguagem como uma construção social e

histórica. Repensei o papel do professor e a valorização da interação entre os sujeitos que ensinam e aprendem, enfim, repensei a escola e todo processo educativo.

A teoria de Vigotski entrou muito forte em minha vida, dando sustentação teórica para muitos de meus fazeres educativos. Suas idéias sobre interação social e o instrumento lingüístico como peças fundamentais para o desenvolvimento humano, sobre o ser humano não ser só ativo, mas interativo e de que o aprendiz não é só sujeito da aprendizagem, é também aquele que aprende junto ao outro o que o seu grupo social produz, fez-me abandonar o construtivismo definitivamente. Posso dizer que me reencontrei pedagogicamente a partir deste momento, mais que isso, compreendi que no construtivismo eu apenas referendava um modelo social que não desejava ver perpetuado, residia aí meu maior incômodo.

Magda Soares, em seu livro "Metamemória-memórias: travessia de uma educadora" (2001, p.65), fala de sua trajetória como professora dizendo: "Não, não foi um desenvolvimento cumulativo. Como eu disse, não é um risco harmonioso**...** há cortes bruscos de linhas que de repente se interrompem", o que expressa exatamente o que percebo sobre minha trajetória profissional naquele momento e o que passou ensina.

Decidi reassumir a sala de aula, precisava colocar tudo que aprendi em prática, e passei a escrever alguns artigos sobre esta outra perspectiva de trabalho com a língua escrita, sempre em parceria com a professora Rosangela de Assis, minha constante companheira de trabalho e pesquisa.

Em 1997, organizamos um grupo de formação com cerca de 30 encontros ao longo de um ano, com duração de três horas semanais, para estudar e refletir sobre o ensino de leitura e escrita e o como ele era desenvolvido nas escolas municipais de Campinas. Nosso trabalho culminou com a realização e publicação do livro "Ler, Fazer e Refazer Texto na Escola" (CEZARONI et al, 1997), organizado por nós e escrito em conjunto com as vinte participantes do grupo. Esta produção foi financiada pelo MEC e pela secretaria municipal de educação de Campinas. Uma experiência única que dava vazão e demonstrava, na prática, a importância do protagonismo no meio educacional.

Construímos uma proposta de trabalho com leitura e escrita "da rede para a própria rede", modo como as participantes do curso explicavam o trabalho realizado. Para as co-autoras do livro representou a possibilidade de vivenciarem o poder e a responsabilidade da autoria. Não

pretendíamos apresentar algo novo, queríamos dividir experiências e conhecimentos, resignificar o trabalho com a língua portuguesa em sala de aula.

Decidimos enfrentar nossas inquietações, aprofundar a relação teoria e prática e elaborar alternativas de trabalho que pudessem melhorar tanto a nossa relação quanto a dos alunos com a escrita e a leitura. Todo nosso trabalho pautava-se na crença de que podíamos ser professoras, pesquisadoras, pensadoras de propostas, mais até do que aqueles que propõem para os outros realizarem, porque éramos também as que podiam realizar. Redimensionamos as inquietações e crises, repensamos e refizemos caminhos, fortalecemos nossa prática educativa e reencontramos-nos como professoras. A partir dessa reflexão, podemos dizer que:

> Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho. (FREIRE, 1996, p.76).

O CORPO COMO LINGUAGEM: COMEÇO DOS COMEÇOS

Receita de tocar o outro

porteira aberta
para o universo
cada um é único
lugar sagrado
onde árvores antigas
e estrelas cantam

tocar o outro em sua alma
como se fosse
uma flauta
(Roseana Murray)[19]

Os anos seguiram seu curso. Eu estudava muito, trabalhava com a formação de professoras e seguia alfabetizando crianças. Então, ocorreu uma volta à vida universitária. Uma volta que não significou recomeço, talvez reencontro, talvez mudança. Essa volta à UNICAMP, palco de tantas reflexões, de encontros preciosos, significava agora um retorno em outra esfera de aprendizado, havia a possibilidade de aprender e ensinar, em um curso de pedagogia. Ao mesmo tempo, assumi a função de gestão, como diretora educacional do ensino fundamental, o que reconduziu-me à escola, lugar de meus descaminhos, de minhas experiências maduras, agora, também, lugar onde poderia olhar e viver a educação de outra perspectiva.

Ao assumir o compromisso de trabalhar como gestora educacional, na periferia da região Leste de Campinas, atendendo comunidades pobres, uma frase de Henry Thoreau (1994, p.35)) não me saía da cabeça: (...)"o melhor governo é o que menos governa"(...). Uma visão nada fácil dentro de um modelo educacional que, ainda, carrega fortes influências autoritárias e centralizadoras, no entanto aquela era, para mim, a possibilidade de construir com o coletivo um trabalho onde todos tivessem voz e poder de decisão.

Esse momento parecia ajudar-me a completar um ciclo, pois essa era a oportunidade de colocar em prática alguns ideais pelos quais sempre lutei e acreditei – viver um tempo de escola como espaço democrático - um sonho que sempre me impulsionou como professora.

[19]MURRAY, R. **Receitas de Olhar**. São Paulo: FTD, 1997, p.34.

Minha trajetória seguia seu curso, pois sempre busquei falar, como educadora, do meu vivido, refletido e do que acredito, falar de meus sonhos e utopias. Ali estava o momento de tentar, trilhando com outros educadores, trabalhando coletivamente, os caminhos de uma escola democrática, para assim poder seguir falando de minhas crenças alimentadas de minhas experiências e de minha busca contínua de coerência, de aproximar, conforme diz Freire (1996) o que dizemos do que fazemos.

Nessa perspectiva, nunca deixei de acreditar na possibilidade de superarmos alguns estados de alienação, de acreditar na importância da relativização do conhecimento produzido em uma determinada cultura, ao nos produzirmos, como forma de romper com mitificações, mesmo sabendo das impossibilidades de se viver profunda e verdadeiramente este tempo em uma sociedade capitalista.

Assim sendo, unindo a ação aos meus estudos, poderia trabalhar com novos conhecimentos, melhorar essas experiências e transformá-las em conhecimentos compartilháveis. A possibilidade localizava-se no desafio de trabalhar em um curso de pedagogia na UNICAMP, através do Programa Especial de Formação de Professores da Região Metropolitana de Campinas – PROESF, para o qual fui selecionada no município e posteriormente aprovada na UNICAMP.

Mas esse amanhã desejado teve seu tempo de semear, de ser bem cuidado e no primeiro semestre de 2002 eu passaria oito horas por dia estudando, afastada da sala de aula. Foram momentos de intensos aprendizados, pois revisitei, aprofundei, redimensionei, entrei em contato com novas teorias em todas as áreas de conhecimento com as quais trabalhava no ensino fundamental.

Ao final de nossos estudos no PROESF foi-nos solicitado que indicássemos quatro áreas de conhecimento – nossas opções para trabalharmos com a formação dos alunos ingressantes no vestibular da Pedagogia do PROESF. As áreas de língua portuguesa e educação física foram minhas duas primeiras indicações e o processo continuou com a análise dos dados, realizada pelos professores do curso e posterior formação dos grupos de trabalho.

Estas opções foram muito marcadas por meu momento presente, então quero explicá-las. Uma enredou-me por ser a possibilidade de ampliar meus conhecimentos sobre a linguagem e olhar crítica e reflexivamente para meu momento de alfabetizadora que acreditou no construtivismo sem perceber, naquele momento, sua proximidade com o neoliberalismo e o pós-

modernismo e, ainda, por poder ser um espaço de aprofundamento da teoria de Vigotski buscando compreendê-la em seu caráter profundamente marxista, o que considero importante em minha trajetória como educadora. Assim, entendo como Newton Duarte que:

> Estudar Vigotski e demais integrantes dessa escola da psicologia soviética só tem sentido atualmente, para aqueles que não pretendem fortalecer o universo ideológico neoliberal e pós-moderno, se esse estudo fizer com que nós, educadores, professores de todos os níveis da educação escolar, nos tornemos mais críticos às formas de alienação às quais estamos submetidos como indivíduos que vivem e trabalham no interior de relações sociais capitalistas e às quais também estão submetidos nossos alunos. (DUARTE, 2000, p.285).

A outra opção, por trazer o resgate de uma atividade extremamente prazerosa na minha adolescência - a ginástica - só que agora redimensionada, pois não falo de toda e qualquer ginástica e sim da proposta de trabalho com ginástica geral (GG). Este conhecimento revelou-me um movimento na educação física escolar que prioriza o ser humano em uma dimensão e reflexão éticas que alimentam nossa consciência e ajudam-nos a enfrentar as pressões e a lógica do mercado, nos ajudam a resistir aos modelos de educação que desconsideram nossa materialidade e subjetividade corpórea como historicamente construídas. E é Eliana Ayoub que nos chama atenção para o caráter "transformador" da GG, considerando que uma de suas características fundamentais:

> (...) o fato de a GG estar situada num plano diferente das modalidades gímnicas competitivas pode gerar um espaço efetivo de resistência aos valores da ginástica de competição e, portanto, da instituição esporte. Questionar a competição e seus valores é, certamente, um dos primeiros passos para o questionamento da visão capitalista de sociedade e de cultura. Outro desafio consiste em superar os dogmas do consumismo e do culto ao corpo/objeto de consumo/mercadoria massificado que a indústria do lazer no campo das práticas corporais deliberadamente impõe. (AYOUB, 2007, p. 75).

Mas, surpreendentemente, a GG resgatava-me outro universo vivido, o do teatro de rua, a composição coletiva e trazia-me a alegria e o lúdico como ferramentas de trabalho.

Minha trajetória como estudante e professora que vivenciou e trabalhou com a GG no PROESF faz-me concordar com Ayoub quando comenta do forte caráter demonstrativo desta, expresso nos festivais de GG que podem:

> (...) significar uma possibilidade de se trabalhar efetivamente em grupo e pelo grupo na composição dos trabalhos a serem apresentados. Nessa perspectiva, o processo de elaboração de uma apresentação pode detonar uma ação realmente cooperativa na qual os integrantes do grupo aprendam a "cooperar para compor a composição" (no sentido de "operar-com" para "pôr-com" ou "colocar-com" na co-autoria da composição, sendo co-autor – autor em conjunto com outros autores). Por tudo isso, acredito na possibilidade de projetar por meio da ginástica geral a imagem de uma ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, nossa dimensão humana e que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, redescobrindo o prazer, a inteireza e a técnica-arte da linguagem corporal (Ayoub, 2007, p. 75-76).

Por fim, fui selecionada para ser assistente pedagógica, no curso de Pedagogia do PROESF, na UNICAMP, nas duas áreas de conhecimento que foram as minhas primeiras opções. Pensando sobre esse momento vivido, entendo que representou para minha vida profissional a possibilidade de realizar, de trabalhar com uma teoria pedagógica propositiva e humanizadora que fizesse frente ao processo de alienação que gera a sensação de incapacidade intelectual, impotência e paralisa a ação do ser humano no mundo.

Mas qual o tempo que temos para realizar? E é Cortella (2003, p.159), que nos responde: "Nosso tempo, o dos educadores, é este hoje em que já se encontra, em gestação, o amanhã. Não um qualquer, mas um amanhã intencional, planejado, provocado agora. Um amanhã sobre o qual não possuímos certezas, mas que sabemos **possibilidade**".

CHEGOU UM TEMPO: TEMPO DE POSSIBILIDADE

Receita de olhar

nas primeiras horas da manhã
desamarre o olhar
deixe que se derrame
sobre todas as coisas belas
o mundo é sempre novo
e a terra dança e acorda
em acordes de sol

faça do seu olhar imensa caravela
(Roseana Murray)[20]

No segundo semestre do ano de 2002, iniciei meu trabalho no PROESF como assistente pedagógica na disciplina "Teoria Pedagógica e Produção do Conhecimento em Língua Portuguesa", um momento inesquecível, difícil e de muita responsabilidade, mas o apoio incondicional, a amizade e a orientação dedicada e consistente do Professor Sérgio Antônio da Silva Leite foram fundamentais para que toda nossa equipe de trabalho tivesse sucesso, além disso, tive o privilégio de estar entre companheiras de trabalho muito questionadoras, reflexivas e atuantes.

Nossos encontros quinzenais alimentavam-me, fortalecendo e ajudando a pensar sobre o trabalho que vínhamos desenvolvendo com as alunas do PROESF, além disso, esses momentos de grande interlocução fizeram parte de nossa própria formação como professoras e formadoras de professores, ali era o local de elaborar e reelaborar nosso fazer educacional. Contudo, eu ainda, tinha comigo a experiência como gestora em uma escola pública, o que alargou meu olhar, ainda mais, sobre o papel da formação na escola. O que busco dizer é que estas duas experiências, vividas paralelamente, me transformaram significativamente, pois empreendi um caminho que veio fortalecer minha identidade e coerência profissional e pessoal.

No entanto, quero me dedicar aqui a falar de minha, também significativa, experiência como assistente pedagógica nas turmas de pedagogia do PROESF, com a disciplina "Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física", iniciada no primeiro semestre de 2005 e concluída no primeiro semestre de 2008.

[20]MURRAY, R. **Receitas de Olhar**. São Paulo: FTD, 1997, p.44.

Esta é uma de minhas mais jovens experiências, que ainda sinto em mim como broto e que por assim ser renova-me, remoça-me como pessoa, como educadora. Então, é nela que me deterei aqui, pois representou e representa para mim, ainda hoje, um resgate de meu primeiro movimento como educadora: o teatro, que tem o corpo como signo lingüístico, posto que gesto e voz tornam-no um texto da cultura e significou também a redescoberta da alegria, do prazer e da inteireza do meu ser.

Foi a possibilidade de revisitar-me em meus desejos, sonhos, ideais meninos e de saber que eles ainda falam forte, com outra roupagem, outro cenário, outra expressão, mas falam. Uma forte emoção, que Paulo Freire soube traduzir bem, quando diz:

> O fato de me perceber no mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p.60).

Meus estudos na disciplina "Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física", as intervenções sempre precisas e preciosas da professora Eliana, Ayoub (a Nana) os debates entre nossa equipe de assistentes pedagógicas Marilise, Marilda, Roselene e Paula Cristina, além da convivência com quase quatrocentas alunas durante quatro semestres trabalhados, entre 2005 e 2008, ajudaram-me a visualizar a importância e urgência de (re)significarmos o corpo na escola. Essa reflexão remete-me às considerações de Ayoub (2007) de que compete a nós, educadores, superar os equívocos do passado e do presente, projetando imagens por meio da ginástica geral que privilegiem o ser humano-cultura e o ser humano-sujeito.

Começamos nosso trabalho no primeiro semestre de 2005, com dez turmas divididas entre os pólos de Vinhedo, Americana e Campinas. Passei a trabalhar com duas turmas de Campinas, experiência sobre a qual me deterei posteriormente, pois representou a base e sedimentação de nosso trabalho, além de trazer aspectos bem representativos das turmas dos anos posteriores.

Neste primeiro momento, já vislumbramos o cenário no qual trabalharíamos. Solicitamos aos alunos, no primeiro dia de aula, que escrevessem uma carta falando de suas memórias e experiências com a educação física escolar. Em todas as nossas turmas havia uma parcela significativa de pessoas que colocava em seus textos dissabores, humilhações, experiências amargas com o corpo "inadequado", situações vexatórias e de comparação, sentimento de

incapacidade para o esporte e para atividades físicas que exigiam rendimento e competição. Um outro grupo, não tão expressivo, apontava o prazer, a alegria, as emoções nos campeonatos entre escolas, a paixão pela ginástica.

Essas cartas foram lidas em equipes e depois discutidas com toda turma o que deu ao grupo a dimensão de quais eram as experiências com a educação física escolar, vividas, e, ainda, foi a possibilidade de resgate de lembranças adormecidas, perdidas no tempo e que agora voltavam através das cartas, das memórias escolares de outros estudantes. Nossa idéia inicial era usar essas memórias nos próximos encontros como imagens capazes de ligar o vivido aos estudos e reflexões que pretendíamos fazer. Uma grande parcela destes alunos vivenciou a educação básica nos anos 70, e traziam mais fortemente a influência do tecnicismo como modelo pedagógico adotado, da figura do professor como único detentor do saber e de aulas ditadas pelo esporte como principal conteúdo. Sobre a influência do esporte em nosso país Coletivo de Autores (1992, p.54) afirma que:

> Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, não o esporte da escola mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização dos meios e técnicas e etc.

Outra parcela significativa dos alunos vivenciou a escola nos anos 80 e trazia em suas cartas as mudanças no âmbito das relações professor-aluno que se tornaram mais próximas, já denotando uma influência dos movimentos "renovadores" na educação brasileira, mas as cartas apontavam o esporte, ainda, como principal conteúdo das aulas de educação física, além da valorização do desempenho e das habilidades individuais, expressa na aceitação tácita por parte de professores e alunos de que os que não eram "bons" em determinadas atividades físicas ficavam sentados assistindo às aulas ou recuperando a bola para os jogadores "mais competentes", quando ela ia para fora dos limites da quadra, por exemplo.

De saída, percebemos que era uma das áreas de conhecimento, na escola, menos apreciadas por nossos alunos e algumas cartas revelavam traumas não superados, como o pavor em relação às atividades físicas, o sentimento de vergonha em realizá-las, o "ai que mico", foi

expressão corrente, no início de nossos encontros, sendo usada por alguns alunos das turmas com as quais trabalhei, enquanto tentavam dizer como estavam apreensivas com a possibilidade de fazer aula de educação física, no curso de Pedagogia do PROESF.

Isto chamou nossa atenção de forma especial e desafiou-me como professora, pois já havia trabalhado com algumas destas turmas do PROESF, como assistente pedagógica na disciplina de "Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Língua Portuguesa" e neste momento também me deparei com o "trauma" e a dificuldade de algumas pessoas com a escrita. Muitas delas, literalmente, sofriam ao realizar este trabalho, mas em nenhum momento houve recusa em fazê-lo, nenhuma aluna questionava a importância de produzir um texto bem e com competência, então se esforçavam, refaziam seus textos sempre que solicitávamos, buscavam aprender. O caso é que agora, como assistente pedagógica trabalhando a educação física como conhecimento, como possibilidade de estudo na escola me defrontava com alunos que, recusavam-se a realizar determinadas atividades ou que não se sentiam a vontade para fazê-lo nas primeiras aulas, mas na verdade alguns nem tentavam, tamanha a dificuldade e aversão pela atividade física que sentiam.

Isso impressionou-me bastante, mas sabemos que histórica e culturalmente, a escola tem sido o lugar do corpo destituído de sua inteireza, pois algumas facetas são privilegiadas em relação a outras, predominando o que Vigarello (2003) chama de princípio da eficácia, no qual o corpo é visto em seus recursos técnicos e em sua capacidade de ação sobre os objetos. Então é corpo ferramenta, é corpo que deve ser domesticado, pois o corpo é fator de interferência no processo educativo, caso não seja um corpo "educado". A escola não tem sido mesmo o lugar do corpo como linguagem, nela a fala e a escrita conservam sua supremacia, desconsiderando toda dimensão corpórea do ser humano. Mas qual o nosso dever como professores? E Freire, em sua sensível sabedoria responde-nos:

> Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. (FREIRE, 1996, p.71).

Sensíveis ao que percebíamos, nossa equipe decidiu iniciar as vivências corporais aos poucos e dedicar a maior parte das três primeiras aulas ao aprofundamento teórico das questões que desejávamos trabalhar. Fomos lendo e debatendo sobre as abordagens pedagógicas em educação física, refletindo sobre o corpo na atualidade, enquanto íamos falando sobre a cultura corporal como área de conhecimento a ser tratada pela educação física escolar, falando de seus temas e de que esse conhecimento, levado aos alunos, pode possibilitar a compreensão do corpo como linguagem. Aprofundamos a discussão sobre o papel da educação física escolar e sobre os conhecimentos específicos que poderiam e deveriam fazer parte destas aulas. Passamos a intuir propostas metodológicas possíveis de serem realizadas na perspectiva da cultura corporal e apresentamos uma proposta de trabalho com a ginástica geral capaz de ser desenvolvida nas escolas públicas, local de trabalho, por excelência, de nossos alunos.

Deste ponto em diante, tínhamos um grupo que não faltava às aulas, divertia-se e sentia prazer com nossos encontros. Algumas barreiras ainda levariam tempo para serem quebradas, mas o medo do desconhecido, o medo de reviver momentos desagradáveis havia passado. Os alunos revelavam-nos que lhes faltava, realmente, uma compreensão mais ampla de qual seria o papel da educação física na escola. Mostravam-nos isso explicando que ou tinham o modelo de quando foram alunos, não se vendo capazes de trabalhar o tema esporte, que era o que entendiam, principalmente, por educação física no ensino fundamental, ou tinham os referenciais das atividades recreativas, de esquema corporal e de aptidões motoras, desenvolvidas nos cursos de magistério, principalmente voltados para a educação infantil. Manifestavam nunca terem pensado na educação física escolar como uma área de conhecimento dimensionada na perspectiva de nossos estudos no curso de pedagogia do PROESF. Inferiram, da forma como foi possível naquele momento, que vivenciavam um estado de alienação sobre o qual Duarte nos diz:

> Uma das formas mais básicas de alienação é aquela na qual os indivíduos humanos são impedidos de apropriarem-se da riqueza material e intelectual produzida socialmente e incorporada ao ser do gênero humano. Em outras palavras, toda vez que um ser humano é impedido de apropriar-se daquilo que faça parte da riqueza do gênero humano, estamos perante um processo de alienação, um processo que impede a humanização desse indivíduo. (DUARTE, 2000, p.282).

No decorrer de nossos encontros, fomos aumentando o espaço para o trabalho corporal no exercício do viver o corpo como linguagem, do fazer relações conceituais com os textos lidos e

do estabelecer conexões imagéticas com as memórias apresentadas nas cartas, buscando "quebrar", "romper" cristalizações, buscando percorrer possibilidades e priorizando o trabalho em grupo, o trabalho coletivo, pois tínhamos como objetivo o desenvolvimento de um processo de trabalho crítico que atuasse na raiz dos preconceitos e indiferença de nossos alunos com a área de educação física escolar, por causa de suas experiências vividas. Neste sentido, caminhamos para a organização de uma composição baseada no trabalho com a GG que seria pensada, criada, preparada e apresentada por um ou dois grandes grupos das turmas. Este trabalho coletivo e cooperativo requereria, sem dúvida, uma vivência - que estávamos buscando - e que os alunos ainda não tinham experimentado na atual vida acadêmica, mesmo estando juntas por seis semestres de um mesmo curso. Era um desafio e o foi, para todas nós.

Não quero deixar aqui, a impressão de que o que propúnhamos estivesse assentado em uma ideologia preconizadora de "virtudes" como o espírito empreendedor e a capacidade dos seres humanos de enfrentar as dificuldades, ao invés de só reclamarem do governo e da situação econômica, por exemplo. Sempre tivemos em mente que nada, absolutamente nada na proposta que buscamos desenvolver no curso de Pedagogia do PROESF, poderia prescindir de nossa participação efetiva e posicionada politicamente no mundo, queríamos sim, combater essa idéia, que Duarte nos sinaliza quando comenta uma campanha publicitária veiculada na TV brasileira, que usa a frase de efeito: "Fulano é gente que faz", dizendo:

> Não é mero acaso que atualmente seja tão difundido em educação, o discurso voltado para as características definidoras de um bom professor, de um professor que reflete sobre sua prática e realiza um trabalho de qualidade, mesmo em condições adversas. Uma variante deste discurso é aquela em que, em vez de falar-se sobre um professor que é gente que faz, fala-se de uma escola, em que os professores, coletivamente, de preferência de mãos dadas com a comunidade, transformam em exemplo de sucesso escolar. Em nome da superação dos discursos imobilistas é adotado um discurso no qual a passagem do fracasso ao sucesso torna-se uma questão de força de vontade de alguns indivíduos, ou melhor, de um coletivo, de uma comunidade. O resultado ideológico, pretendido ou não, é bastante claro: o descompromisso do Estado, a despolitização dos problemas educacionais e a abdicação do ideal de lutar por uma transformação radical da sociedade, pela superação do capitalismo e pela construção de uma sociedade socialista. (DUARTE, 2000, p.141).

Ao pensar sobre isso, vejo nosso trabalho refletido e materializado nas falas e em trechos das cartas de nossos alunos, quando da avaliação das aulas de educação física no PROESF. Muitos deles apontaram o quanto é importante colocar-se no lugar de seus alunos; valorizar a

participação de todos; exercitar a cooperação como caminho de fortalecimento das relações entre os seres humanos; valorizar a compreensão entre as pessoas; tratar as diferenças como fator de enriquecimento do humano, afirmando relações de alteridade, considerando a existência de outras subjetividades e de não tratá-las como fator de discriminação, enfim, promover o trabalho coletivo como forma de superação do individualismo, marca inconteste de uma sociedade que desejamos ver modificada.

Buscamos, em nosso trabalho no PROESF, vivenciar um tempo de formação em que as experiências trazidas por cada uma dos alunos, suas vivências em nossos encontros e as reflexões que fazíamos sobre elas, fossem capazes de mobilizar em nós respostas ao nosso fazer pedagógico, a partir de fronteiras éticas e de um esforço para enfrentarmos barreiras e superarmos o individualismo, a exaltação à competição e ao desempenho em detrimento do coletivo, do lúdico, do prazer, da alegria, da criatividade, da simplicidade, da inclusão de todos, da inteireza do ser humano aluno e do ser humano professor. Como afirma Cortella (2003, p.156): "Ser humano é ser junto", e ser junto é um grande desafio que devemos experimentar, exercitar na escola, na e com a comunidade escolar, na e com a sociedade. Em suma, insistimos hoje, na importância de uma pedagogia crítica e propositiva sobre a formação dos seres humanos, insistimos hoje, em uma formação que dê conta da complexidade do mundo em que vivemos.

Aprendi muito e exercito esse aprendizado também aqui, enquanto concluo estas linhas. Em um determinado momento, que só na última leitura percebi, adotei uma forma plural ao narrar e assim concluo meu memorial. Não, não vou alterá-lo, é isto mesmo, não vou. Percebo agora que cheguei aqui com minhas idéias e saio plural demais, saio melhorada, fortalecida deste **grande encontro** e deste momento de falar e pensar sobre mim mesma, sobre minha(s) trajetória(s) de vida, sobre o que me constituiu a pessoa que sou hoje, mas este foi nosso tempo intencional e planejado de semear. O futuro é tempo de possibilidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARTIGIANI, Ricardo. *Mogi Guaçu: três séculos de história*. 2ª ed. São Paulo: Pannartz, 1994.

AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____ Eliana; BRASILEIRO, Lívia Tenório; MARCASSA, Luciana. Educação física escolar: contribuições para uma mudança curricular. In: BITTENCOURT, Águeda Bernardete; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado. (Orgs). *Estudo, pensamento e criação. Livro I.* Campinas: Graf. FE, 2005. p.99-111.

BENOIT, Denis. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002.

BENTLEY, Eric. *O teatro engajado*. Rio de Janeiro: Zahar,1969.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRITO FILHO, João Cláudio Monteiro de. *O sindicalização no serviço público*. Curitiba: GENESIS, 1996.

CAGLIARI. Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística. São Paulo: Scipione*, 1989.

CEZARONI, Ieda; ASSIS, Rosangela (Org). Ler, fazer, refazer texto na escola. Campinas: Arte & Efeito, 1997.

CEZARONI, Gilberto. *Histórias dos trabalhadores de cerâmicas de Mogi Guaçu: Mogi Guaçu*. Gráfica Cidade , 2000.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez*, 1992.

CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 7ª ed. *São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire*, 2003 (Coleção Prospectiva, 5).

DAOLIO, Jocimar. *Cultura, educação física e futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DUARTE, Newton. *Vigotski e o "aprender a aprender": críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. Campinas: Editores Associados, 2000 (Coleção educação contemporânea).

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

_____Paulo. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderlei. *O texto na sala de aula.*.São Paulo: Ática, 1997.

KLEIN, Ligia Regina. *Alfabetização hoje:* quem tem medo de ensinar. São Paulo: Cortez, 1994.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Cortez, 1993

_____, Ingedore Villaça. *A coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da Sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Orga.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.9-34.

MARQUES, Mario Osorio. *Uma hermenêutica de minhas aprendizagens. In: MARQUES, Mario Osório. et al. 4 vidas, 4 estilos, a mesma paixão. Ijuí:UNIJUÍ, 1996. p.9-58.*

MURRAY, Roseana. *Receitas de olhar.* São Paulo: FTD, 1997.

PERRENOUD, Fhilippe. *A prática reflexiva no ofício de professsor: profissionalização e razão pedagógica.Porto Alegre:* Artmed, 2002.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira.* São Paulo: Companhia das Letras 1995.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física escolar: conhecimento e especificidade*. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOARES, Leôncio. *As políticas de EJA e as necessidades básicas de aprendizagem dos jovens e adultos. Educação de jovens e adultos, novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SOARES, Magda. *Metamória-memórias: travessia de uma educadora*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

THOREAU, Henry D. *Desobedecendo: a desobediência civil & outros escritos.* São Paulo: Circulo do Livro, 1994.

VARGAS, Suzana. *Leitura: uma aprendizagem de prazer*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

VIEIRA, César. *Em busca do teatro popular.* 3ª ed. Santos: CONFENATA, 1981.

VIGARELLO, Georges. *A história e os modelos do corpo*. Pro-Posições, Campinas, v.14, n. 2 (41), maio/agosto. 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Coordenação de Pós-Graduação
Av. Bertrand Russel, 801 – Cidade Universitária
13083-970 Campinas - SP